

O TESTEMUNHO DO MASSACRE DO CARANDIRU FEITO POR JOCENIR E MANO BROWN

Alan Osmo²⁰⁶

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura da canção “Diário de um detento”, do Racionais MC’s, e do livro “Diário de um detento: o livro”, de Jocenir, a partir da teoria do testemunho. A canção do Racionais MC’s, de 1997, foi uma das primeiras produções no campo da cultura que abordou o Massacre do Carandiru, em que ao menos 111 presos foram brutalmente assassinados pela polícia militar no ano de 1992. A canção foi composta a partir de uma complexa parceria entre Mano Brown, integrante do Racionais MC’s, e Jocenir, que esteve um período preso na Casa de Detenção do Carandiru. Quando saiu da prisão, Jocenir escreveu o livro “Diário de um detento: o livro”, publicado em 2001, que relata o período em que esteve no cárcere. Apesar de nem Mano Brown nem Jocenir serem sobreviventes do Massacre do Carandiru, a canção composta se constitui como um importante testemunho sobre o Massacre, carregando de forma condensada importantes elementos presentes nas memórias dos sobreviventes. Diante de uma falha do Estado em reconhecer e julgar os crimes cometidos, Jocenir e Mano Brown buscam denunciar uma realidade de violência que é silenciada, e quebrar uma barreira de indiferença que está presente em parcela significativa da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Massacre do Carandiru. Jocenir. Racionais MC’s. Testemunho. Violência.

Abstract: This paper proposes to discuss the Racionais MC’s’ song “Diário de um detento”, and the Jocenir’s book “Diário de um detento: o livro” through the theory of testimony. The Racionais MC’s’ song, from 1997, was one of the first cultural productions to approach the Carandiru Massacre, in which at least 111 prisoners were brutally murdered by the police in the year 1992. The song was composed in a complex partnership between Mano Brown, a member of Racionais MC’s, and Jocenir, who was during some years arrested in the prison of Carandiru. When Jocenir left the prison, he wrote the book “Diário de um detento: o livro”, published in 2001, which reports the period that he was in jail. Although neither Mano Brown nor Jocenir were survivors of the Carandiru Massacre, their song constitutes as an important testimony of the Massacre, carrying in a condensed way important elements that are present in the survivors’ memory. Considering that the State had failed in recognizing and judging the crimes that were committed, Jocenir and Mano Brown try to denounce a reality of violence that is silenced and to break a barrier of indifference that is present in a significant part of Brazilian society.

Keywords: Carandiru Massacre. Jocenir. Mano Brown. Testimony. Violence.

INTRODUÇÃO

A discussão a respeito do Massacre do Carandiru, que ocorreu no dia 2 de outubro

²⁰⁶ Doutorando em Teoria e História Literária, UNICAMP, alan.osmo@usp.br.

de 1992, se torna especialmente relevante hoje, em que recentemente se completaram 25 anos desse episódio. Além disso, acredito que dois acontecimentos recentes tornam ainda mais atual essa reflexão. No dia 27 de setembro de 2016, o Tribunal de Justiça de São Paulo anulou os julgamentos que tinham condenado 74 policiais militares pelo Massacre do Carandiru. Depois dessa decisão, o caso vai voltar para o tribunal do júri, para ser julgado novamente desde o início. O segundo acontecimento foi a onda de violência em diversos presídios no Brasil, no início de 2017, que culminou em massacres em que pelo menos 133 pessoas foram mortas em 15 dias²⁰⁷.

Neste trabalho, eu foco na canção do Racionais MC's "Diário de um detento", de Jocenir e de Mano Brown, e no livro "Diário de um detento: o livro" de Jocenir, e busco pensá-los a partir de sua dimensão testemunhal em relação ao Massacre do Carandiru.

A canção "Diário de um detento" foi uma das primeiras produções, não apenas na música como no campo artístico e literário mais geral, que abordou o Massacre do Carandiru. E isso aconteceu aproximadamente cinco anos após esse episódio. Nos anos seguintes à música, vieram outras produções que também atingiram bastante fama, tais como o livro "Estação Carandiru" do médico Drauzio Varella, e o filme homônimo baseado no livro, que foi dirigido por Hector Babenco.

Uma questão que balizou esta pesquisa foi pensar como a partir de episódios de violência são criadas produções artísticas e literárias com teor testemunhal que buscam seja contar a realidade por vezes silenciada do que aconteceu, seja se colocar como uma forma de resistência diante do horror. Neste trabalho especificamente, em que me debruço sobre o Massacre do Carandiru, proponho trazer algumas questões sobre a canção do Racionais MC's e sobre o livro de Jocenir, levando em conta as reflexões sobre o testemunho.

A CANÇÃO "DIÁRIO DE UM DETENTO" DO RACIONAIS MC'S

A canção "Diário de um detento" do Racionais MC's faz parte do disco *Sobrevivendo no inferno*, de 1997. Tanto essa música e seu videoclipe, quanto o disco foram um estrondoso sucesso no Brasil, e chama a atenção, na verdade, como uma música

²⁰⁷ Segundo matéria disponível através do seguinte link: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/01/mortes-em-presidios-do-pais-em-2017-ja-superam-o-massacre-do-carandiru.html>> Acesso em 27 fev. 2018.

que aborda um tema tão grave, difícil e violento – o massacre do Carandiru, em que pelo menos 111 presos foram brutalmente assassinados pela polícia militar em um único dia – conseguiu ter tamanha repercussão. É importante destacar que nenhum dos integrantes do Racionais MC's foi um sobrevivente do Massacre, e nem mesmo esteve preso no Carandiru.

A autoria da canção é atribuída a Mano Brown e a Jocenir, em um tipo de parceria bastante complexa que pretendo discutir mais detidamente adiante. Jocenir, que nunca foi integrante do Racionais, e nem mesmo rapper, estava preso no Carandiru na época em que foi composta a canção. Ele, portanto, a partir de sua própria vivência, conhecia a realidade do presídio, que é tematizada na canção. Jocenir, entretanto, foi preso apenas em dezembro de 1994, ou seja, alguns anos depois do Massacre. Ele, portanto, também não foi um sobrevivente desse episódio específico.

A canção foi constituída na forma de um diário, que relata três dias na vida de um preso. Trata-se de um narrador em primeira pessoa que conta os acontecimentos do dia do massacre, 2 de outubro de 1992, mas que começa a narrativa pelo dia anterior, 1 de outubro. Segundo Zeni (2004, p. 234), o detento “narra o desenrolar do massacre desde o dia anterior e termina a letra do rap no dia seguinte, como um sobrevivente da carnificina”. A canção é longa, 7 minutos e 31 segundos, e não há a repetição de um único verso.

É possível dividir a música em duas partes. A que narra o dia 1 de outubro, que dura aproximadamente 5 minutos, e que busca contar um dia na vida de um preso no Carandiru. E uma segunda parte, que começa no dia 2 de outubro, narrando o massacre, e que termina no dia seguinte, 3 de outubro. A primeira parte, apesar de, a princípio, abordar apenas um dia na vida de um preso, funciona como uma espécie de retrato do cotidiano no presídio, afinal, como diz a canção, lá “os dias são iguais”. Já no início da música, entretanto, é possível vislumbrar o tema do Massacre, que será narrado no final.

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992.
 Oito horas da manhã.
 Aqui estou mais um dia
 Sob o olhar sanguinário do vigia.
 Você não sabe como é caminhar
 Com a cabeça na mira de uma HK,
 Metralhadora alemã ou de Israel,
 Estraçalha ladrão que nem papel.
 (RACIONAIS MC'S, 1997)

Em um artigo em que analisa essa música, Walter Garcia (2007, p. 179) questiona: “Abre-se o diário na véspera do fato histórico. Por que não no próprio dia?”. De acordo com o autor, apesar da canção se abrir com uma data e um horário específico, logo no início, o verso “Aqui estou mais um dia” amplia o tempo da narrativa. Outra característica interessante destacada por Garcia é o fato de que a canção busca estar na intersecção entre a experiência de um sujeito (o narrador da canção) e a vida na coletividade.

Apesar dessa abertura se dar como se fosse um dia qualquer, uma das primeiras coisas ressaltadas é o fato de o preso caminhar sob “a mira de uma HK”, uma metralhadora que “estraga ladrão que nem papel”. Dessa forma, o tema do massacre já está anunciado desde o início, pois o preso da canção é alguém que pode ser brutalmente metralhado.

A respeito da forma “diário” escolhida pelo grupo Racionais MC’s, podemos destacar algumas considerações formuladas por Seligmann-Silva (2012). De acordo com o autor, o diário carrega marcas e traços do presente, embaralhando as palavras escritas com a vida de seu autor-protagonista. A canção “Diário de um detento” parece ser um tipo de diário em que se misturam a vida privada e a vida na coletividade: “na estrutura do texto entrecruzam-se, em uma trama, a vida íntima com a pública, o trabalho literário com as marcas do ‘real’” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 265). A canção do Racionais, portanto, não se propõe simplesmente retratar o cotidiano no Carandiru de uma pessoa específica, mas sim falar em nome de uma coletividade, ou seja, dos inúmeros presos que compõem a população carcerária no Brasil. A música carrega as marcas da violência que caracterizam o espaço do presídio, e que são condensadas no horror do Massacre do Carandiru.

“DIÁRIO DE UM DETENTO” E JOCENIR

A canção “Diário de um detento” foi composta a partir de uma complexa parceria entre Mano Brown e Jocenir. O nome real de Jocenir é Josemir Prado, sendo “Jocenir”, na verdade, fruto de uma confusão que o próprio Mano Brown fez ao conhecê-lo. Eles se encontraram em uma visita que Mano Brown fez ao Carandiru em 1996, quando Jocenir (chamo-o dessa forma, pois ele próprio passou a adotar esse pseudônimo) estava preso lá. Mano Brown ficou interessado em conhecê-lo, depois de ficar sabendo desse preso que escrevia versos, cujos cadernos circulavam pelos Pavilhões do Carandiru.

Jocenir foi preso em dezembro de 1994. Ele esteve preso por aproximadamente quatro anos, sendo que a maior parte desse tempo esteve na Casa de Detenção do Carandiru, mas também passou por presídios em Barueri, Osasco e Avaré. Depois disso, já em liberdade, Jocenir escreveu um livro sobre o período em que esteve preso, que foi publicado em 2001, com o título *Diário de um detento: o livro*. Esse livro, por si só, é um trabalho bastante interessante, e que já vem sendo objeto de pesquisas acadêmicas (PEREIRA, 2009; PALMEIRA, 2009). Para este trabalho, me interessa aqui, sobretudo, as relações do livro com a canção do Racionais MC's.

Ao se escolher como título *Diário de um detento: o livro*, a intenção parece a de se querer reforçar o vínculo com a música, colocando-se o mesmo título dela, apenas distinguindo-o com um “o livro”, como se se tratasse de uma versão em livro daquilo que aparece na música. Isso se manifesta também no fato da letra da música aparecer inteira e em destaque na parte final do livro. Além disso, antes de cada capítulo, há, como se fosse uma epígrafe, um trecho da canção. Com isso, é como se se buscasse estabelecer um vínculo entre cada conteúdo de um capítulo com um trecho da canção. Também poderia ser destacado o fato de que a foto da capa do livro (JOCENIR, 2001) é uma imagem do videoclipe da música “Diário de um detento”, em que aparece o Mano Brown de costas dentro de uma cela de prisão, junto à janela de grades, olhando para o lado de fora.

Apesar do título do livro ser *Diário de um detento*, ele não é constituído na forma diário, ou ao menos não na forma como tradicionalmente concebemos um diário: com uma entrada para cada dia determinado. Nisso, há uma importante diferença em relação à canção do Racionais, que se constitui dessa forma, ao narrar os acontecimentos de três dias na vida de um preso no Carandiru. A forma do livro de Jocenir parece se constituir antes como uma narrativa autobiográfica do período em que ele esteve preso. A narrativa se concentra, portanto, nesse período no cárcere, desde a ocasião e os motivos que o levaram para a prisão, passando pelos diferentes presídios nos quais ficou durante quatro anos, até a data de sua libertação.

Algo curioso a ser destacado é que o nome real de Jocenir, Josemir Prado, não aparece em nenhum lugar do livro. Não há nenhuma foto do autor²⁰⁸, nem dados biográficos dele. Na ocasião do lançamento, em 2001, foram publicadas matérias a

²⁰⁸ Na verdade, há uma foto no livro que parece ser do autor dentro de uma cela, mas trata-se de uma foto em que ele está de costas e em que não é possível reconhecê-lo nitidamente.

respeito do livro nos principais jornais²⁰⁹. Além disso, Jocenir foi convidado em programas na televisão tais como o Programa do Jô, o programa da Marília Gabriela (Programa da Gabi), e o Provocações, do Antônio Abujamra²¹⁰. Uma coisa que é importante de ser destacada nas entrevistas é que, em todas, Jocenir faz questão de enfatizar a sua origem de classe média e de uma pessoa que teve boa escolarização, buscando assim se distinguir da grande massa carcerária, a quem se refere como pobre ou miserável, periférica, e sem escolaridade²¹¹.

Jocenir conta que foi por causa de sua maior escolaridade (ele possui ensino superior incompleto) e de sua afinidade com a escrita que adquiriu respeito e prestígio entre os presos. Na sua entrevista no Programa do Jô, ele diz que era conhecido entre os presos como o “tiozinho que escrevia cartas”. Em um trecho de seu livro ele diz:

Eu procurava vencer o tempo. Na cadeia o tempo anda em câmera lenta. Fazia versos para os presos presentear suas famílias, também lia e respondia cartas. Com isto, ia pouco a pouco ganhando a simpatia de todos, até dos mais perigosos. Por ler e escrever com facilidade, o que é raro na cadeia, tomei contato com muitas almas infelizes. Isso era bom, ganhava respeito, mas virei espectador de muitas tragédias (JOCENIR, 2001, p. 55).

O fato, portanto, de ajudar os outros presos a ler e escrever cartas permitia a ele ter um contato mais íntimo com a vida dos outros, de modo que ele ocupava uma posição em que conhecia não apenas a sua própria experiência e seu próprio sofrimento no presídio, como também aquilo que se passava com as outras pessoas que estavam ali com ele. Esse ponto é abordado novamente em um capítulo do livro que é dedicado ao

²⁰⁹ Alguns exemplos nesse sentido: na Folha de São Paulo, foi publicado o texto “Jocenir narra o ‘circo de horrores’ do universo da prisão” de Marcelo Rubens Paiva, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1205200123.htm>> Acesso em 27 fev. 2018; no Estadão, “Ex-detento descreve em livro a rotina da violência”, link disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral.ex-detento-descreve-em-livro-a-rotina-da-violencia,20010221p3317>> Acesso em 27 fev. 2018.

²¹⁰ Os vídeos com essas entrevistas estão disponíveis no youtube: no Programa do Jô – <<https://www.youtube.com/watch?v=W0uTwyoI2s4>> Acesso em 27 fev. 2018; no Provocações – <<https://www.youtube.com/watch?v=dSEG0-fd0NQ>> Acesso em 27 fev. 2018; no Programa da Gabi – <<https://www.youtube.com/watch?v=8Bv3NO5ymQo>> Acesso em 27 fev. 2018. Essas entrevistas são interessantes para conhecer um pouco mais sobre o autor, principalmente porque a partir do livro não é possível saber muito sobre ele. Não pretendo me aprofundar a respeito das entrevistas, que têm uma série de problemas. Apenas para citar um: todas, sem exceção, começam perguntando sobre o motivo que Jocenir foi preso, sendo que o entrevistador mostra desconfiança quando Jocenir alega que é inocente e que foi preso injustamente. Aparentemente a primeira pergunta que importa é se Jocenir é ou não, afinal de contas, um bandido, e se a sua palavra é digna de ser escutada.

²¹¹ Não consegui encontrar informações sobre quantos anos Jocenir tinha quando foi preso, mas aparentemente ele era mais velho comparado à idade da maioria dos presos que estava com ele.

Carandiru, em que Jocenir conta sobre os pedidos que os outros presos lhe faziam para escrever cartas, incluindo versos:

Estes pedidos fizeram com que aos poucos eu passasse a ter certa facilidade em produzir versos recheados da psicologia do homem preso. A dor de cada um se transferia para mim, e de mim para o papel. [...] Se o solicitante quisesse versos para a esposa, eu procurava compor como se fosse para minha esposa, para um amigo, procurava pensar em algum amigo, filhos, pensava nos meus, e assim sucessivamente. Incorporava nos versos minhas experiências que, sabia, eram as mesmas daqueles homens. *Cada detento uma mãe, uma crença, cada crime uma sentença um motivo, uma história de lágrimas, sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.* Traduzia o cárcere com um lápis (JOCENIR, 2001, p. 97, grifos nossos).

Chama a atenção como a letra da música “Diário de um detento” se funde com a escrita de Jocenir, de modo que não é mais possível distinguir um do outro claramente, tal como podemos ver no trecho destacado da citação, que é composto de versos da canção. Apesar de sabermos que a canção do Racionais MC’s foi construída a partir dos cadernos de Jocenir, como nós não temos acesso aos originais do caderno, é difícil de saber o que foi composto naquela ocasião por Jocenir e o que foi modificado por Mano Brown. De qualquer modo, a música foi lançada em 1997, antes de Jocenir escrever o livro na forma como foi publicado em 2001.

É possível ver os cadernos escritos por Jocenir no Carandiru como marcados pelo real da violência, a partir do que Seligmann-Silva (2003) chama de “literatura do real”. Trata-se de uma literatura que tem o corpo que sofre como uma das suas temáticas centrais, e que se caracteriza por uma ética e estética da escritura que “tem como mandamento paradoxal o imperativo de sua necessidade – e a luta conflituosa com os limites da representação. Não existe comensurabilidade possível entre a dor-corpo e as palavras” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 35). Podemos dizer que a escrita de Jocenir é carregada de um forte teor testemunhal, no qual há uma reivindicação de uma relação com o “mundo fenomênico” (SELIGMANN-SILVA, 2013). Assim, quando Jocenir destaca que suas experiências eram incorporadas nos versos que compunha, ele enfatiza essa ancoragem na realidade do universo carcerário. Desse modo, um dos objetivos principais de sua escrita era o de traduzir “o cárcere com um lápis”.

Além das cartas, Jocenir conta que em momentos em que estava só escrevia versos para a sua esposa e para seus filhos. Mas também escrevia versos inspirados na vida dos

outros presos, a partir das diversas histórias que escutava. “Preenchia cadernos e mais cadernos que circulavam por quase todos os pavilhões. Muitos detentos copiavam meus versos em seus cadernos” (JOCENIR, 2001, p. 97).

Foi através de sua habilidade com a escrita e de seus cadernos que Jocenir adquiriu fama dentro do Carandiru, e que fez Mano Brown querer conhecê-lo. Esse encontro entre os dois é narrado em um dos capítulos do livro de Jocenir, intitulado “Um visitante chamado Mano Brown”.

Certo dia, num meio de semana, um mano me convidou para ir até o campo de futebol do pavilhão Dois dizendo-me que o líder de um grupo de rap queria me ver. [...] O companheiro acrescentou que o cara que queria me ver era Mano Brown, líder do maior grupo de rap do país, o Racionais MC's. [...] até aquele momento não tinha muita referência sobre o rap e o mundo que o envolve, o hip-hop. Sou de uma geração anterior a essa realidade e cresci ouvindo rock e música brasileira, além disso, para mim a periferia era uma coisa distante: seus dramas, suas peculiaridades, sua miséria, sua violência, só percebi de verdade quando estava cumprindo pena, pois a grande maioria dos companheiros vem da periferia (JOCENIR, 2001, p. 99).

Jocenir foi conduzido até a presença de Mano Brown, que lhe perguntou sobre uns versos que tinha escrito, e que estavam circulando no presídio. Jocenir levou até Brown dois cadernos seus, um de prosa e outro de versos. Brown começou a folhear os cadernos, e segundo Jocenir:

Depois de alguns minutos ele se dirigiu a mim e pediu permissão para destacar algumas folhas do caderno de versos. Consentí. Não sabia que naquele momento escrevia meu nome na história do rap nacional, e com um pseudônimo, dado sem querer por Brown, que escreveu meu nome de maneira errada; fiquei sendo Jocenir (JOCENIR, 2001, p. 101).

Jocenir, na verdade, apenas ficou sabendo que seus versos tinham se transformado em rap um ano depois, quando um amigo seu lhe escreveu dizendo que a música estava tocando nas rádios e era um sucesso. Jocenir (2001, p. 101) diz: “Embora eu me sentisse feliz, estranhava o fato de ninguém dos Racionais MC's ter me procurado”. Apenas em setembro de 1998, de acordo com Jocenir, ele recebeu a visita de um procurador do grupo, logo em seguida o próprio Mano Brown apareceu para vê-lo²¹².

²¹² Ainda nesse capítulo de seu livro, Jocenir conta que, ao ganhar liberdade em novembro de 1998, foi a um show do Racionais MC's acompanhado de sua família, e que, quando “Diário de um detento” tocou, foi chamado por Mano Brown para subir ao palco, sendo apresentado ao público e homenageado.

O CAPÍTULO “REBELIÃO” DO LIVRO DE JOCENIR

O livro de Jocenir não contém nenhum relato sobre o Massacre do Carandiru, nem mesmo nenhuma referência a esse episódio. Isso é compreensível tendo em vista que Jocenir foi preso apenas em dezembro de 1994, e que, em seu livro, ele se propõe apenas a contar o que ele próprio viveu durante o período no cárcere. Apesar de não mencionar no livro, em algumas entrevistas, Jocenir conta que dividiu cela no Carandiru com sobreviventes do Massacre, e que por conta disso pôde ouvir o que aconteceu com essas pessoas naquela experiência terrível. Entretanto, não fica claro se Jocenir, a partir dessas experiências relatadas, compõe versos a respeito do Massacre do Carandiru.

Chama a atenção, entretanto, algumas semelhanças entre os trechos da canção sobre o Massacre e um capítulo do livro de Jocenir chamado “Rebelião”. Nesse capítulo, ele conta sobre uma rebelião que aconteceu na Cadeia Pública de Barueri que foi duramente reprimida pela polícia. No livro, não é mencionado o ano desse acontecimento, mas parece que foi em 1995.

Sobre o que viveu nessa ocasião na Cadeia Pública de Barueri, Jocenir (2001, p.

70) diz o seguinte: “São inenarráveis as cenas que vi. Mesmo que quisesse, não poderia descrever tanto horror, pânico, desespero, covardia, cenas animais. Brutalidade”. De acordo com Jocenir, a rebelião começou a partir de uma revolta contra o tratamento dispensado por carcereiros do presídio aos presos. No começo da revolta, alguns presos colocaram fogo em colchões e roupas em frente a uma porta de acesso do presídio. Diz Jocenir (2001, p. 70): “A fumaça invadiu todas as celas e tínhamos que ficar deitados no chão para que, com dificuldades, respirássemos”. É notável a semelhança com o início do trecho que fala do Massacre na canção do Racionais MC’s, em que se menciona a “fumaça na janela” e o “fogo na cela”.

No relato de Jocenir, em determinado momento a polícia militar invadiu a cadeia para dominar a rebelião. Os presos foram brutalmente agredidos. Segundo Jocenir (2001, p. 72): “Achei que ia morrer. Ouviam-se tiros misturados a gritos. Dava a impressão de que todos estavam sendo fuzilados. Muita fumaça, muito pedido de socorro, muito sangue no chão”. Depois disso, Jocenir junto com outros presos foram transferidos para o Carandiru. Antes de irem, mais agressões e tortura por parte da polícia militar. Ele descreve que os policiais se organizaram em duas fileiras, de modo que se formasse um

E uma maioria de moleques primários.
 Era a brecha que o sistema queria.
 Avisa o IML: chegou o grande dia.
 (JOCENIR, 2001, p. 67).

A respeito dessas epígrafes que abrem os capítulos do livro de Jocenir, Palmeira (2009, p. 26) diz que elas são extraídas da canção “Diário de um detento” e “têm como tema o que de algum modo será tratado no capítulo seguinte, como se a letra da música reunisse os vários episódios por que Jocenir passou na prisão: uma espécie de mote à espera de glosa”. Nesse sentido, a autora chama a atenção para o fato de que a história contada no rap não é a história de Jocenir. A canção não tem, portanto, um apelo autobiográfico claro. A epígrafe que abre o capítulo “Rebelião” é, portanto, curiosa, pois se a canção do Racionais MC’s fala sobre o Massacre do Carandiru, o capítulo do livro de Jocenir vai abordar outro episódio que foi vivido por ele. Por se tratar, entretanto, também de uma brutal repressão policial contra presos, é possível identificar diversas semelhanças entre os dois acontecimentos.

UM TESTEMUNHO DO MASSACRE DO CARANDIRU

Para pensar a relação entre o Massacre do Carandiru e a canção “Diário de um detento”, proponho uma discussão utilizando reflexões sobre o testemunho. A partir das considerações de Seligmann-Silva (2013, p. 374-375), podemos dizer que o testemunho, na canção, funciona como uma espécie de “manifestação do real”: “o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo”. Tanto o livro de Jocenir, quanto a canção do Racionais MC’s carregam um importante componente de denúncia, de modo que cumprem “o papel de acusação nos tribunais jurídico e da história” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 360). Essa relação com os tribunais se torna ainda mais pertinente para a reflexão sobre o Massacre do Carandiru, ao levarmos em conta que o Estado brasileiro falhou até o momento em realizar o julgamento dos crimes cometidos. Assim, cabe à canção fazer o papel de acusação que o Estado não cumpriu.

O trecho do Massacre na canção “Diário de um detento” diz o seguinte:

Depende do sim ou não de um só homem.
 Que prefere ser neutro pelo telefone.

Ratatatá,

Caviar e champanhe. Fleury foi almoçar
Que se foda a minha mãe!

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo,
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil.
Como modess usado ou bombril. [...]
Ratatátá,
Sangue jorra como água. Do ouvido, da boca e nariz.

O Senhor é meu pastor, Perdoe o que o seu filho fez,
Morreu de bruços no Salmo 23,
Sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro,
Vai pegar HIV na boca do cachorro.

Cadáveres no poço, no pátio interno.
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio,
Não sente pena, só ódio e ri como a hiena.

Rátátátá,
Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue.

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia 3 de outubro, Diário de um detento.
(RACIONAIS MC'S, 1997, grifos nossos).

A canção não se propõe apenas a relatar do ponto de vista de um sobrevivente aquilo que ocorreu, mas também a dar um olhar mais crítico e amplo do acontecimento, o que envolve pensar em diversas esferas de poder que participaram do massacre. Isso aparece, por exemplo, na menção ao governador Fleury, e ao seu papel no que aconteceu. Nesse sentido, é importante lembrar que o Massacre ocorreu na véspera das eleições municipais, e que as pessoas que ocupavam os cargos de cima, responsáveis por dar “um sim ou um não”, sabiam que aqueles acontecimentos tinham o potencial de influenciar no resultado das eleições.

A partir de testemunhos de sobreviventes do Massacre, tais como o de André du Rap no livro *Sobrevivente André du Rap* (2002), é possível identificar uma série de elementos que compõem a canção “Diário de um detento” de modo condensado, e que fazem parte da memória dos sobreviventes. Podemos destacar nesse sentido: as bombas de gás lacrimogênio, o ataque com cachorros, o fato que diversos presos contraíram HIV a partir do sangue contaminado da boca dos cachorros, os cadáveres encontrados no poço do elevador que eram de presos que foram jogados ali pelos policiais, a piscina de sangue que se formou no chão do presídio, tudo isso está presente de modo extremamente

condensado na canção.

Tendo em vista a relação com as discussões sobre o testemunho, podemos ressaltar a pergunta feita no final da canção: “Mas quem vai acreditar no meu depoimento?”. Segundo Zeni (2004, p. 234-235), ela expressa a dúvida sobre a possibilidade de se fazer ouvir, “sobre o crédito que teria sua voz na sociedade em que está inserida”. As frases finais da música, assim, deixam “no ar uma pergunta incômoda sobre a capacidade de convencimento daquele que depõe e diz que houve ali uma matança”. O rap questiona, dessa forma, o silenciamento a que estão submetidos historicamente no país os presidiários, os negros, pobres e outras vítimas de opressão. A pergunta deixada no final, que não quer calar, “estabelece um desafio, ecoando a lembrança de que a ferida do Massacre continuava então aberta”.

De acordo com Garcia (2007, p. 187), um dos pontos originais de “Diário de um detento” é que a canção busca radicalizar o diálogo com os fatos, “afirmando um ponto de vista que a grande mídia não repercute”, e que “o Estado historicamente considera ou perigoso ou desprezível, na dúvida, algo digno de ser silenciado”. Ainda segundo o autor, a base da música é o trabalho de organização de uma experiência histórica de violência, que é em si mesma incompreensível, em uma forma estética, “de modo que a violência seja experimentada, observada e criticada” (GARCIA, 2007, p. 197).

Para Felman (2014), escritores e artistas com frequência se sentem compelidos a testemunhar

quando sabem, ou sentem intuitivamente que no tribunal da história [...] a evidência falhará ou deixará a desejar [...]. Escritores testemunham não simplesmente quando sabem que o conhecimento não pode ser obtido por meio de outros canais, porém, mais profundamente, quando sabem ou sentem que o conhecimento, embora disponível, não é capaz de tornar-se eloquente, que a informação não pode tornar-se importante (FELMAN, 2014, p. 129).

Assim, para Felman (1992), testemunhar é mais do que contar sobre um fato ou evento, sobre algo que foi vivido ou que é lembrado. Testemunhar é tomar responsabilidade pela verdade para se endereçar ao outro, fazer ressoar no ouvinte, e na coletividade algo que vai além de uma esfera pessoal, e que tem consequências para toda a sociedade.

Para concluir, acredito que a dimensão testemunhal dessa canção parece consistir no fato de que os seus versos foram construídos, seja nos cadernos de Jocenir, seja na

adaptação feita por Mano Brown, a partir daquilo que ambos (é bom lembrar que Mano Brown visitava frequentemente o Carandiru e trocava correspondências com presos) escutaram de sobreviventes do Massacre. É provável também que Jocenir escreveu versos a partir do que ele próprio viveu na rebelião na Cadeia de Barueri, e que isso posteriormente tenha entrado nos versos do rap.

Assim, podemos ver a canção de Jocenir e de Mano Brown como resultado de um trabalho de coletor e arranizador de “fragmentos de um presente que se amontoa diante de nós: de um passado que não passou” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 265). A partir de suas experiências próprias ou das que foram ouvidas por pessoas próximas, eles pegam esses fragmentos de realidade e compõem uma colcha de retalhos em forma de canção.

Jocenir e Mano Brown, portanto, criaram uma construção, a partir do que sobreviventes testemunhas experienciaram, e que diz respeito a um acontecimento real. A canção consiste em um testemunho complexo, potente, e extremamente condensado, ainda mais tendo em vista a sua duração de oito minutos e o forte efeito produzido pelo ritmo do rap.

REFERÊNCIAS

- ANDRE DU RAP; ZENI B. (Ed.). *Sobrevivente Andre du Rap*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.
- FELMAN, Shoshana. The return of the voice: Claude Lanzmann’s Shoah. In: FELMAN S.; LAUB D. (Orgs.). *Testimony: crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history*. New York/London: Routledge, 1992, p. 204-283.
- _____. *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. Trad. Ariani Sudatti. São Paulo: Edipro, 2014.
- GARCIA, Walter. “Diário de um detento”: uma interpretação. In: NESTROVSKI, A. (Org.) *Lendo música*. São Paulo: Publifolha, 2007, p. 179-216.
- JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. 2a ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.
- PALMEIRA, M. R. S. S. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PEREIRA, L. *Diário de um detento: nas fronteiras do gênero testemunho*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2009.
- RACIONAIS MC’S. *Sobrevivendo no inferno*. Cosa Nostra, 1997.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Violência, encarceramento, (in)justiça: memórias de histórias reais das prisões paulistas. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 43, n. 2, p. 29-47, 2003.

_____. “O esplendor das coisas”: O diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin. In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. (Orgs.). *Escritas da violência*: vol. 1: O testemunho. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 263-283.

_____. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 371-385.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 30, p. 225-241, 2004.